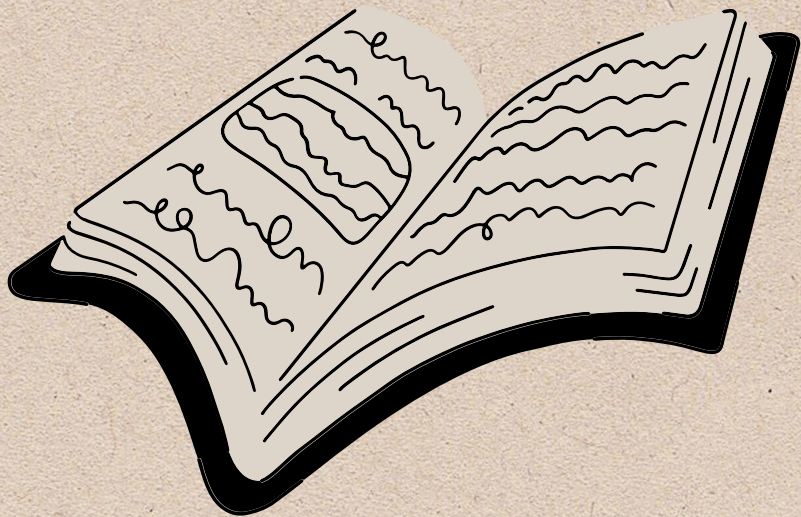


1ª Edição – 12/2025



1ª REVISTA DA SEMANA DE HISTÓRIA

GRUPO DE TRABALHO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL



Passado silenciado, legado incontornável: as múltiplas faces da mulher na História e a luta por um lugar de protagonismo.

Ficha Técnica

XLI Semana de História

Presidente
Jonas Silva

Secretária
Lavinia Turqueti

Tesoureira
Isabela Elmer

Diretoria Acadêmica
Helena da Silva

Diretoria Cultural
Anna Vitória Souza

Diretoria Financeira
Marcelly Mendes

Diretoria Burocrática
Arthur Moreira

Diretoria de Comunicação
Gabriela Rodrigues

Grupo de Trabalho da Memória
da Semana de História (2025)

Coordenadora
Beatriz Frias

Vice-coordenador
Igor Fernandes

Integrantes
Arthur Moreira
Evyllen Cardoso
João Victor Ávila
Júlia Félix
Laura Caetano
Laysa Marinho
Nicolly Cristina
Tayck Neves

Vitória Ventura
Vinícius Henrique Elias

Agradecimentos

Centro Acadêmico Galba di Mambro

Centro de Conservação da Memória da
Universidade Federal de Juiz de Fora
(CECOM - UFJF)

GT de Memória da XL Semana de
História

Laboratório de Patrimônios Culturais
da UFJF (LAPA)

Apoio:



Grupo de Trabalho da Memória da Semana de História

Entenda quem somos, o que fazemos e porque fazemos

Como e por que o grupo foi criado?

Criado para rememorar as vivências passadas da Semana de História. O Grupo de Trabalho da Memória do evento teve suas primeiras atividades iniciadas em 2024 sob a coordenação de Ellen Cruz e a vice-coordenação de Arthur Moreira. Ali estava impresso um quadro de amnésia quase generalizada sobre edições anteriores do evento, em muito causado pela alta rotatividade de estudantes na organização da Semana, pela cisão do evento com o Centro Acadêmico de História Galba Di Mambro e consequente dispersão de documentos produzidos ao longo das edições.

Impunha-se a urgência de amearhar e costurar os recortes e retalhos da memória que nos restavam do passado. Assim, foi necessário, primeiro, traçar objetivos e rotas metodológicas que nos permitissem encontrar caminhos firmes.

Os ventos favoráveis deram curso a uma porção de atitudes que possibilitaram firmar ações de preservação da memória coletiva do evento. Entre as quais estão pesquisas nos acervos do Arquivo Central e do Centro de Conservação da Memória, ambas instituições vinculadas à UFJF, que se tornaram parceiras indispensáveis desta jornada; no cuidado com a documentação remanescente, restauração do primeiro “Cartaz da Semana de História em Juiz de Fora” e doação do acervo ao Cecom/UFJF; e na realização de entrevistas de História Oral, nas quais encontramos verdadeiras amizades. **Isso tudo sem esquecer que o foco destas ações era ampliar diálogos e aprendizados sobre o ofício da pesquisa, construindo conjuntamente um importante levantamento de dados dos 45 anos do evento.**

Por Arthur Nazario Moreira

Quais são os nossos objetivos?

Esse ano, apesar dos diversos desafios perpassados pelo rio da memória, o objetivo do nosso trabalho, sob a coordenação de Beatriz Pastorini Frias e vice-coordenação de Igor Fernandes de Faria, tange, por meio da pesquisa em torno dos documentos fornecidos pelo Centro Acadêmico de História Galba di Mambro, **traçar uma história da Semana de História e preencher as lacunas literárias que não nos permitem entender sobre nosso próprio**

passado, nem mesmo ter certeza sobre qual edição do evento nos encontramos. Além disso, com ajuda primordial do representante do conselho diretor, Arthur Moreira, o GT visou garantir a salvaguarda dos posteriores acervos produzidos, através da institucionalização do grupo como parte do corpo diretor da Semana de História, sendo esse responsável pela guarda, investigação e manutenção da memória e história do evento.

Nesse rio turbulento de histórias, muitos anos são desconhecidos e muitos eventos não possuem documentação, assim, pisamos com passos lentos em chão instável buscando entender quando não ocorreu a Semana e o porque.

Muitas vezes nossas buscas seguem o silêncio como fonte e a falta de memória como resposta, contudo, apesar disso, tentamos nadar contra a corrente em busca de conclusões. É ilusório dizer que chegamos em terra firme, e quem dirá que um dia chegaremos, pois esse é o desafio da memória.

Portanto, nosso intuito final foi a produção da presente revista e a realização de uma mostra do nosso trabalho no evento, por meio de uma mesa e uma exposição aberta. Isso, a fim de registrar nossas reflexões e difundir a colcha de retalhos feita da costura dessa história desmembrada, para que não se esqueçam o quão fundamental é a construção de um acervo concreto para um evento tão importante e antigo como o nosso.

Por Beatriz Pastorini Frias

nossa metodologia:

No que tange a metodologia, inicialmente nossos trabalhos se iniciaram estabelecendo uma parceria com o Centro Acadêmico de História, onde foi fornecido ao GT uma massa documental referente aos anos em que o CA organizava o evento da Semana de História. **A ideia encaminhada foi de realizarmos um processo de higienização dos documentos diversos e nos debruçarmos sobre tais, na tentativa de identificar certas evidências e elementos relacionados aos eventos passados, desde formas organizacionais realizadas ou até mesmo justificativas para os anos em que não houve a nossa semana acadêmica.** Em compensação, todo material não referente à Semana em si, retornou ao CA devidamente higienizado e preservado, e àqueles contendo informações interessantes à pesquisa do GT foram encaminhados para o acervo da Semana de História no CECOM.

Antes de botar a “mão na massa”, seria necessário a preparação dos membros do Grupo de Trabalho, a fim de que as noções em torno do manuseio documental/arquivístico fossem apropriadas por eles. Não obstante, firmamos um acordo com o CECOM, em que foram ofertadas

oficinas referentes ao processo de higienização/preservação documental e às práticas de História Oral. Além disso, uma outra parceria foi feita com o Laboratório de Patrimônios Culturais (LAPA) da UFJF, que cedeu seu espaço para realizarmos as atividades todas as segundas e quartas.

Foram divididas algumas funções entre os participantes, a fim de otimizar o trabalho e dialogar com as subjetividades dos membros.

Assim, havia um grupo responsável por preparar os envelopes de preservação e higienizar os documentos, outro referente propriamente a leitura e análise dos materiais, juntamente ao processo de digitalização, e, por fim, um responsável pela catalogação, processo em que era feita uma ficha técnica para cada documento ser adicionado à nossa planilha.

Portanto, vale ressaltar, que nossos membros se atentaram por uma análise mais profunda e detalhada deste acervo construído, com intuito de que o GT realizasse uma produção a ser divulgada durante a XLI Semana de História. Assim, os resultados desses trabalhos serão divulgados na presente revista, estabelecendo certas abordagens e olhares nunca expostos anteriormente sobre a Semana.

Por Igor Fernandes de Faria

RELATOS

Participantes do Grupo de Trabalho da Memória prestam seus depoimentos, vejam o que eles nos dizem:

Evyllen Lima: Fazer parte do GT de Memória me mostrou, na prática, que a faculdade vai muito além da sala de aula. Cada encontro me fez perceber o quanto o aprendizado acontece também nas trocas com os outros. Tive contato com diferentes tipos de documentação e histórias, e aprendi a lidar com elas em um trabalho em grupo que ultrapassou o aspecto acadêmico. Criei um carinho enorme por pessoas que, com toda certeza, me ensinaram muito e que compartilharam comigo o mesmo afeto pela História.

Nicolly Cristina: O GT foi uma experiência incrível! Me senti muito acolhida pelos veteranos e foi incrível participar do processo, o dia era mais feliz em dia de GT.

Julia Félix: A minha experiência no GT de memória foi muito especial, porque além de viver a Semana de História mais de perto, eu conheci pessoas muito incríveis, participei de oficinas e aprendi muito, na prática, sobre higienização e catalogação de documentos que resultaram em um projeto muito sensacional!

Laysa Marinho: Fazer parte do GT foi uma experiência muito legal! Nunca tinha feito algo assim antes e foi incrível lidar com documentos de várias épocas e sobre os mais diversos assuntos, ajudando na pesquisa da Semana de História. Além disso, conheci e interagi com várias pessoas diferentes ao longo dos encontros, o que tornou tudo ainda mais interessante e agradável.

Vinicius Henrique Elias: Eu gostei muito da minha experiência no GT da Semana de História, o que mais me chamou atenção foi sair um pouco da parte teórica e colocar em prática como higienizar e analisar os documentos históricos, sem contar a quantidade de informações que conseguimos levantar sobre as outras Semana de História da UFJF.

João Victor Ávila: Fazer parte do GT foi para mim uma importante reafirmação da pluralidade do nosso ofício como historiadores. Estar com o pessoal realizando um eficiente e organizado trabalho em equipe se tornou algo para além de satisfatório. Agradeço pela oportunidade de ter integrado nessa empreitada e espero que os próximos grupos possam multiplicar a pesquisa a partir do material que nós construímos nessa Semana.

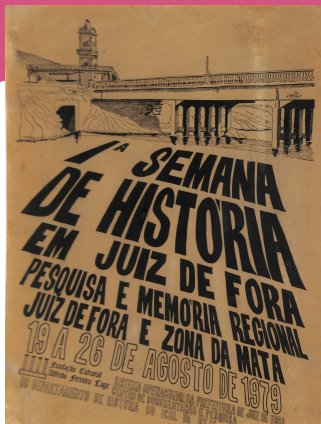
Tayck Neves: Participar do GT de Memória fez-me olhar novas perspectivas de pensar nas temporalidades. Além disso, o contato com outros colegas (principalmente de outros períodos) transformou a experiência divertida, leve e cheia de risadas. Pertencer ao grupo deixou-me com o sentimento de estar imerso nos documentos e suas histórias. Agradecimento especial aos coordenadores Beatriz e Igor que transformaram um encontro semanal em um alívio na rotina.

Vitória Ventura: Participar do GT de Memórias da Semana de História foi uma experiência incrível e engrandecedora. As quartas-feiras se tornaram mais especiais, repletas de aprendizados, trocas de ideias e boas risadas. Foi gratificante construir memórias ao lado de pessoas tão engajadas e especiais.

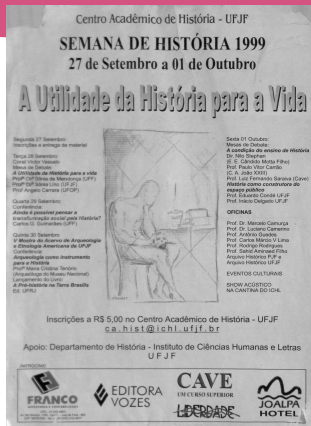
Laura Caetano: Integrar o GT me deixou cara a cara com a História enquanto campo, e me fez então enxergá-la de outra forma. Percebi que a pesquisa e o trato com os arquivos pode ser divertido, e fortalecer laços com meus veteranos e calouros fez com que essa experiência fosse ainda melhor. Isso tudo foi possível enquanto adquiria novas habilidades como historiadora, enriquecendo o que foi vivido.

Você conhece os Cartazes da Semana de História?

A seguir, preparamos uma pequena seleção especial de cartazes para recordar um pouco das edições que ocorreram até aqui:



1979



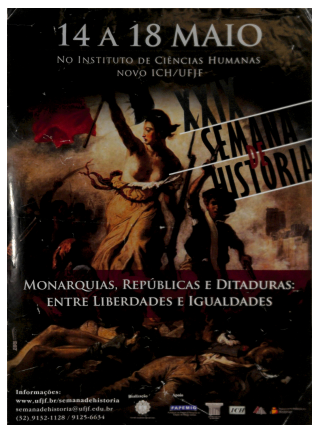
1999



2002



2006



2012



Sem data

Possivelmente, a contagem de edições da Semana de História está equivocada!

É evidente que alguns documentos perderam-se no caminho, como é o caso da revista recém descoberta e pesquisada pelo GT: “Bota Pra Phudê” edição dezembro de 1987. Nessa revista, há o comentário de Vladimir (não há sobrenome no documento) contando sobre o “fracasso da II Semana do ICHL” e desejando a volta das Semanas individuais dos cursos. A partir da análise dos membros do GT, o documento comprova que não ocorreu Semana de História nos anos de 1986 e 1987.

SEMANA DO ICHL: O INSTITUTO EM CRISE?

A Semana do ICHL (16-20/11) foi 'um acontecimento, no mínimo, polêmico.

Jornal Bota Pra Phudê - 1986, 1987

cáveis. Será hora de pensar a volta de todas as “Semanas” de área? Uma semana do Instituto para todos os cursos? Manter debates e encontros por todo o semestre? As idéias são muitas.

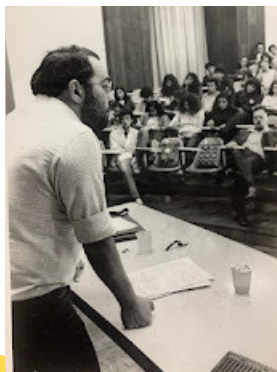


Foto com legenda: “Terceira Semana de História-1983”

Outra suposição é de que nem todos os anos da primeira parte da década de 80 tiveram Semana de História. Acreditamos que esse pode ser um dos motivos da conta de edições estar errada. Possivelmente, ocorreram 4 Semanas de História antes de começarem a Semana do ICHL: 1979, 1981, 1983 e 1985. Assim, supomos que as primeiras Semanas não foram anuais, mas bienais. Além disso, conseguimos encontrar a documentação das Semanas de História de 1999 e 2000. Foram encontrados cartazes, fichas de inscrição e outros documentos. Assim, um acervo foi criado.

Outro ponto importante é a descoberta de documentos que comprovam a inexistência da Semana de História em alguns anos. Em 2001, possivelmente o evento não ocorreu por falta de verba, com isso, a Semana de 2002 foi construída com uma junção de 2 anos (2001 e 2002). Também não houve Semana de História em 2004, o motivo possível é pela grande atenção na criação do PPGH-UFJF no mesmo ano. Já em 2008, não houve tempo para o evento ser realizado e ficou para o ano seguinte (2009). Por fim, em 2015 não ocorreu devido a uma greve docente nas universidades federais.

Jornal “O Vate” de 2001

gerar que se anula em 2001.

A greve já não é mais para nós, estudantes, uma questão de escolha: ela é fato. Os servidores estão em greve, como bem sabemos; e agora, após assembléia da APES, os professores aprovaram por unanimidade a deflagração da greve a partir do dia 22 de Agosto. E agora? O que fazer?

Jornal “Tempus Domini” do CA de 2009

Informamos aos estudantes do curso que, como havíamos apontado em nossa escolha por postergar a Semana de História para o próximo ano, a 26ª edição do evento vai de vento em popa. Já estamos com diversos palestrantes de outras universidades com presença confirmada, entre eles estão os nomes de Marco Aurélio Crocco (UFMG), Daniel Aarão Reis Filho (UFF) e Enrique Padrós (UFRGS). E o evento, a ocorrer entre os dias 06 e 10 de abril de 2009, tem tudo para obter grande êxito. Fiquem atentos, pois em breve teremos novidades.

Documento de 2007 que começa a contar a Semana como 25ª

XXV SEMANA DE HISTÓRIA
HISTÓRIA, CINEMA E LITERATURA

Essa foi a primeira vez que o evento é contado e apresentado por números romanos, porém, pelas nossas contas, levando em consideração os anos em que não ocorreu o evento, essa seria a 22º.

Seguindo essa lógica, esse ano estaríamos na 39º edição!

Apesar de todos estes descobrimentos e materiais obtidos, cabe ressaltar, que nem todos os espaços vazios estão preenchidos ou que todas as perguntas foram respondidas. Para algumas das questões do grupo, certas incertezas ainda circundam nossa análise. Quando nos debruçamos sobre os fragmentos descobertos, houve a busca por sinais que poderiam indicar

determinados elementos auxiliares no processo de reconstrução/ressignificação desta história, me referindo neste caso, à metodologia de Carlo Ginzburg do “paradigma indiciário” e operando conjuntamente à ideia de Sidney Chalhoub da “imaginação controlada”, para que este processo não gere generalizações e deturpe a realidade/temporalidade do objeto estudado na criação de hipóteses.

Enfatizamos, portanto, que nosso trabalho não promove descobertas de respostas absolutas e completas, mas sim, ideias que acabam por revelar um caminho para diferentes ressignificações que são feitas ao se evidenciar uma nova hipótese. Assim, o GT de Memória da XLI Semana de História apresenta estes novos olhares, que não significam simplesmente um acúmulo informacional, mas sim, um processo metodológico de construção de aspectos do passado para a exposição de novas percepções.

Rever a representação feminina em documentos é fundamental para a Semana de História, em especial na nossa XLI edição: **“Passado silenciado, legado incontornável: as múltiplas faces da mulher na História e a luta por um lugar de protagonismo”**. Percebemos, historicamente, uma dominância masculina em mesas e oficinas do nosso evento, o que a atual gestão se esforçou para reverter. Neste ano de 2025, 6 dos 8 integrantes do Conselho Diretor são mulheres e todas as mesas organizadas terão presença feminina, sendo 3 exclusivamente compostas por mulheres. Valorizamos também a presença de mulheres negras, sub-representadas nas mesas da Semana ao longo da História. As mulheres estão e sempre estiveram presentes na Semana de História, e passou da hora de isso ser reconhecido!

Visto isso, foi feito um recorte em nossas pesquisas para analisar a presença feminina nas Semanas de História anteriores. Os arquivos não são apenas repositórios de fatos, mas do que o poder hegemônico entende como fatos. A subalternidade, diz sobre o indivíduo que fala mas não é ouvido, é uma posição que implica o silenciamento. Não é que as mulheres não tenham falado, é que sua fala não chega até nós devido ao machismo estrutural presente na sociedade e no âmbito acadêmico, que demorou muito tempo para começar a enxergar as mulheres como sujeitos históricos. Contudo, por trás desse silenciamento, ao escutar atentamente, é possível ouvir os gritos.

Pela análise de documentos e entrevistas, percebeu-se o claro “apagão” dos nomes femininos: mesmo com ampla participação de mulheres nas Semanas de História, a maior parte dos nomes são masculinos. Segundo análise de uma de nossas integrantes, de 46 documentos verificados por ela, apenas 29 mencionam nomes femininos e entre eles, somente em 9 as mulheres aparecem como maioria. Na maioria das vezes, os nomes femininos se destacam em listas de presença e inscrições nos eventos, mas somente como um registro de nome, sem que seja possível compreender a relevância daquela mulher no contexto em que estava inserida.

Grande parte das mulheres citadas nos documentos se encontra como membro do CA, mas raramente algum destaque é dado a elas. Ainda assim, houve forte presença feminina em bancas, palestras e discussões organizadas pelo CA — elas estavam presentes, só não eram vistas. É perceptível, no entanto, a evolução do registro de mulheres ao longo das Semanas de História. Na edição de 1999, não havia nenhuma mulher ministrando oficinas, enquanto em 2006, a programação trazia pelo menos 6 mulheres em minicursos e palestras.

A partir dessas análises, é possível concluir que a falta de representação das mulheres nos eventos do curso de História se deve às posições de poder na sua organização e produção, majoritariamente masculina em virtude do pensamento hegemônico estrutural da sociedade. Contudo, ao longo dos anos, percebe-se uma gradual e lenta desconstrução dessa estrutura, com maior visibilidade da participação das mulheres, mesmo que ainda a melhorar. Portanto, torna-se importante trazer à luz a discussão e o aprofundamento dessa pauta, ainda mais com o tema dessa Semana de História.





AGRADECIMENTOS

Para a realização dos nossos trabalhos foram necessários diversos indivíduos e entidades primordiais para o encaminhamento do projeto. Agradecemos ao Laboratório de Patrimônios Culturais da UFJF (LAPA), que nos concedeu espaço para realizarmos a higienização, pesquisa e catalogação de todos os documentos; ao Centro Acadêmico Galba di Mambro, por confiar seu acervo em nossas mãos para investigação; ao Centro de Conservação da Memória da Universidade Federal de Juiz de Fora (CECOM - UFJF), por nos proporcionar oficinas e minicursos para aprimorar nossa pesquisa e abrir espaço para deixarmos o acervo da Semana de História guardado em excelentes mãos; ao GT de Memória do ano passado, por deixar o caminho menos turbulento e nos proporcionar as produções do último ano; e, por último, mas não menos importante, ao corpo diretor da Semana de História, que aceitou a institucionalização do grupo e nos deu abertura para a construção do nosso projeto.

Em especial, eu, Beatriz Pastorini Frias, coordenadora do GT de Memória da XLI Semana de História, agradeço ao meu vice-coordenador, Igor Fernandes, que esteve ao meu lado na construção de todo o planejamento, auxiliando e oferecendo ideias; ao representante do conselho diretor, Arthur Moreira, sem sua paixão por esse projeto e seus imensuráveis esforços para o andamento de nosso trabalho, nada seria possível. Agradeço aos integrantes do grupo, que dispuseram de seu tempo toda quarta-feira (e algumas segundas, quando necessário) para fazer tudo isso acontecer. Obrigada por cada pincelada feita na higienização, cada hora catalogando os documentos e, é claro, pelos momentos de boas risadas mesmo em meio ao longo trabalho.

Cada um de vocês foi uma peça essencial para o nosso quebra-cabeça da memória. Os meus sinceros muito obrigada!

Integrantes do GT de Memória da XLI Semana de História da UFJF



Beatriz Frias -
Coordenadora



Igor Fernandes -
Vice
Coordenador



Arthur Moreira



Laura Caetano



Tayck Neves



**Vitória
Ventura**



Júlia Félix



**Nicolly
Cristina**



Laysa Marinho



**Eyllen
Cardoso**



**João Vitor
Ávila**



**Vinícius
Henrique Elias**